

## **PROFESSORES(AS) DE CIÊNCIAS E HOMOSSEXUALIDADE DOS ALUNOS**

Mônica Ismerim Barreto1  
Maria Inêz Oliveira Araújo2

### **RESUMO**

O comportamento esperado para homens difere do esperado para mulheres. Aqueles que não se encaixam nesse padrão são considerados homossexuais sofrendo preconceito e discriminação. Na escola, o professor de Ciências é considerado o que tem o 'saber competente' para discutir temas ligados à sexualidade. Esse trabalho teve como objetivo identificar se professores(as) de Ciências das escolas municipais de Aracaju/SE que participam do programa "Horas de Estudo" acreditam ser possível identificar tendências homossexuais em alunos. Para tanto, um questionário foi respondido por nove professores(as). Nesse trabalho discutiremos apenas a questão que trata do tema. Evidenciamos que o grupo pesquisado, na sua maioria, acredita ser possível tal identificação. Os professores que acreditam ser possível a identificação de homossexuais o fazem baseado comportamentos considerados característicos para cada gênero, o que demonstra uma crença que homens mais delicados ou mulheres mais duras seriam homossexuais.

Palavras-chave: Ensino de Ciências; Homossexualidade; Gênero

### **Introdução**

Ao longo da sua vida, principalmente na infância e adolescência, homossexuais do sexo masculino escutam diversas vezes a frase "vira homem"<sup>3</sup>, como se estes por desejarem se relacionar afetivo-sexualmente com outros homens perdessem sua masculinidade. Parece que um homem só pode ser reconhecido como tal se tiver desejo por mulher. Se assim não proceder, esse homem perde o 'status' de 'macho' da espécie. Com as homossexuais do sexo feminino não é diferente, elas também são percebidas como mulheres que teriam vontade de ser homens ou pensariam ser homens (COSTA 1994). Além disso, algumas vezes, as lésbicas sofrem o "estupro corretivo"<sup>4</sup>, que é uma forma encontrada por alguns homens para "ensinar a uma mulher o que é ter um homem" (PEREIRA, 2008 p.3) ou, "mostrar como ser uma mulher de verdade e como é o sabor de um homem de verdade." (ACTIONAID, 2009 p.12). Uma das vítimas de "estupro corretivo" relatou que "todo o tempo eles me diziam que isso é o que acontece quando uma

<sup>1</sup> Secretaria Municipal de Educação de Aracaju/Sergipe

<sup>2</sup> Universidade Federal de Sergipe

<sup>3</sup> Frase obtida por Ramirez Neto (2006 p. 130) de alguns entrevistados.

<sup>4</sup> O 'estupro corretivo' ocorre quando "homens estupram mulheres para 'curá-las' do lesbianismo." (CHAIR, 2009 p.3)



mulher finge ser um homem.” (ACTIONAID, 2009 p. 12). Procura-se, com essa prática de agressão e humilhação ensinar a lésbica a gostar de homens e assim ser reconhecida como mulher. Como se ela não fosse mulher, por amar outra mulher e o gay não fosse homem, pelo mesmo fato.

Em ambos os casos, amar alguém do mesmo sexo aparentemente descredencia a pessoa do seu sexo biológico. No caso feminino, ela é ‘ensinada’ a ser mulher a partir do conhecimento de um pênis, como forma de marcar a diferença entre homem e mulher. Ela, sendo mulher, não pode de maneira nenhuma tentar igualar-se a um homem. A ideia que homossexuais desejam pertencer ao outro sexo, assumindo papéis atribuídos ao sexo biológico ao qual não pertencem, demonstra como a relação sexo biológico/papéis sexuais são vistos como ‘naturalmente’ ligados. Aqueles que não se comportam como o ‘naturalmente’ esperado para seu sexo biológico, desejando pessoas do sexo diferente do seu, são vistos como indivíduos que querem pertencer ao outro sexo. Dessa forma, todos aqueles que se comportam de maneira diferente da esperada para o seu sexo biológico são percebidas com o não-heterossexuais. Mesmo para os que desejam pessoas do sexo biológico diferente do seu fica a desconfiança, seriam estes realmente heterossexuais? Como se seu comportamento não é o que se espera para indivíduos hetero?

Segundo Goellner (2005) existe um estranhamento aos corpos femininos que tem sua aparência corporal é excessivamente transformada pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo. Essas são consideradas “características viris que não apenas questionam sua feminilidade, mas também colocam em dúvida a autenticidade do seu sexo.”(p. 148). Tal fato é corroborado por Cardoso (2000), que relata em uma reportagem sobre a ameaça feminina à supremacia dos homens no esporte, a indignação da atacante Sissi, da seleção brasileira de futebol feminino quando é questionada se tem namorado. Esse fato este aponta a suspeição que mulheres que jogam futebol – um esporte predominantemente masculino – poderiam não ser heterossexuais.

Podemos observar, assim, que atividades consideradas mais agressivas são vistas como ‘espaços privados’ de indivíduos do sexo masculino. Quando estas atividades são realizadas com eficiência pelas mulheres, a feminilidade destas é colocada em xeque. Como se uma mulher ‘de verdade’ não pudesse realizar tal atividade, ou se a realização de uma atividade ‘masculina’ por mulheres diminuísse a masculinidade dos homens.

Isso ocorre por uma confusão feita entre a orientação sexual e sexo biológico/identidade sexual produz esse tipo de olhar, que procura signos e sinais indicativos do não pertencimento à categoria de homem pelo menino, ou de mulher pela que apresenta algum comportamento distinto do esperado para o seu sexo biológico. A lógica que permeia essa forma de pensar é, como indica Ramirez Neto (2006 p. 129) “Se não é homem, então é mulher.” Esse tipo de pensamento faz com que se nomeie e exclua da categoria “homem” todo aquele que se atreve a ter comportamento atípico de gênero, pois ‘ser homem’ é diametralmente oposto a ‘ser mulher’, não cabendo nenhuma forma diferente, andrógina, entre esses dois.

Na literatura existem diversos relatos de homossexuais indicando serem reconhecidos como tal quando nem mesmo tinham consciência de sua orientação sexual. Andrew Sullivan, por exemplo, no seu livro “Praticamente normal” descreve um episódio ocorrido com ele quando tinha aproximadamente 10 anos. Uma coleguinha perguntou: “você tem certeza que aí em baixo você não é menina?” (SULLIVAN, 1996 p.12). O motivo da pergunta – ele não gostava de jogar futebol. Não gostar de um determinado esporte seria assim, suficiente para que ele não fosse reconhecido como ‘menino’. Não havia uma conotação afetivo-sexual para a pergunta, apenas a estranheza pelo fato de Sullivan não fazer algo que é reconhecido pelos demais como ‘coisa de menino’.

Isso nos leva a um questionamento - o que levaria as pessoas a identificarem alguns indivíduos como homossexuais e outros não? Porque alguns indivíduos são nomeados de homossexuais (mesmo sem o ser) e outros não (podendo ser). O que está na realidade por trás dessa identificação? Luiz Mott nos dá uma pista em sua crônica “Os gays e os homens delicados” quando assinala que a maioria das pessoas associa atitudes delicadas em homens à homossexualidade. Mott diz que não essa associação delicadeza/homossexualidade em homens é um engano, que jeitos efeminados em homens não são sinônimos de homossexualidade. (MOTT, [sd])

Mott identifica a confusão que se faz entre os comportamentos esperados (e que são determinados socialmente para o masculino e o feminino) com a orientação sexual (homo, bi ou heterossexual). Essa forma de pensar remonta à separação dos sexos, que ocorreu no século XVIII. Embora se acredite que a divisão dos indivíduos da espécie humana em homens (tem pênis) e mulheres (tem vulva/vagina) seja natural e sempre existiu, isso não é verdade. Durante muitos séculos acreditou-se que havia um único sexo, o masculino. Dele

derivaria o feminino - as mulheres apresentariam os mesmos órgãos sexuais que os homens, porém estes estariam dentro do corpo, e não externalizados, como no caso deles. (LAQUEUR, 2001)

Segundo esse autor, foi Galeno, médico grego que viveu no século II d.C. que desenvolveu a idéia de um só sexo. Essa forma de pensar perdurou até o final do século XVIII, quando se passou a admitir que as mulheres fossem tão humanas quanto os homens. Mas essa compreensão que existiam diferenças entre homens e mulheres não ficou restrita às características biológicas. Passou-se a acreditar que as diferenças não estariam apenas no corpo, mas também na personalidade. (VILLELA; ARILHA, 2003). As mulheres seriam mais sensíveis, propensas ao choro, muito emotivas; os homens mais duros, sem choros ou comoções. Formas de andar, falar e trajar são tidos como característicos de cada sexo. Associou-se gênero a sexo, como se a presença de um determinasse a existência do outro. Giddens (1993 p. 216), citando Devor (1989), indica que

as atribuições do gênero eram determinadas da seguinte maneira:

- 1 – Tomava-se como certo que todo indivíduo era homem ou mulher, sem ninguém ‘no meio’.
- 2 – As características físicas e os traços de comportamento dos indivíduos eram interpretados como masculinos ou femininos, segundo um esquema de gênero dominante.
- 3 – Os papéis dos gêneros eram rotineiramente ponderados e estabelecidos, dentro dos limites dos padrões permissíveis das situações dos gêneros.
- 4 – As diferenças entre os gêneros assim constituídas e reconstituídas eram destinadas a concretizar as identidades sexuais, purificando-se os elementos de ‘gênero cruzado’.

O esquema de gênero distinguia claramente os homens das mulheres não só pelas características físicas, mas também pelo comportamento que estes deveriam ‘naturalmente’ apresentar. Como são as mulheres que têm bebês e os amamentam, devem ‘naturalmente’ apresentar comportamento tranquilo, carinhoso. As emoções lhe caem bem pois ela deve ter amor por seus filhos. O homem, por sua vez, obrigado a enfrentar o ambiente externo, hostil, deve ser duro, e não pode mostrar as emoções (coisas femininas). Confundir os comportamentos seria assim, ir contra a natureza biológica.

Só quando os sexos foram considerados ‘naturalmente’ distintos, e os papéis atribuídos a cada um deles foram rigidamente delimitados, é que surge a figura do homossexual. Ele era o que não se ‘encaixava’ aos padrões considerados ‘naturais’, normais para cada gênero.

Ou seja, aquele homossexual masculino, que não se encaixa no modelo que é imposto a todos os que apresentam o mesmo sexo biológico que o seu, será visto como um doente, pois vai de encontro à natureza. Desse modo, com o surgimento do modelo dos dois sexos, ocorreu uma mudança significativa na forma como eram vistos os homoeróticos.

No *one-sex model* a mulher era um homem invertido e inferior.[...] No *two-sex model* a mulher passa a inverso complementar do homem e isto ainda será considerado natural. Em contrapartida, a nova imagem da inversão vai colar-se ao homem, porém com um adendo: o invertido será o homossexual e sua inversão será vista como perversão, porquanto antinatural. [...] Sua inversão será perversão porque seu corpo invertido apresenta um duplo desvio: sua sensibilidade nervosa e seu prazer sensual eram femininos. [...] Desde então, a feminilidade do homossexual vai ser afirmada, a despeito de qualquer contra-exemplo empírico ou de qualquer incongruência conceitual. Ele tinha que ‘ser feminino’, pois, não sendo feminino, não tinha como ser ‘invertido’. (COSTA, 1996 p.85-86).

A figura do homossexual surge, então, como aquele que não se encaixa na lógica do modelo rígido dos dois sexos. Dessa forma, tanto homossexuais quanto aqueles que são identificados como tal, por não seguirem os papéis considerados como válidos para o masculino ou feminino sofrem com o preconceito e a discriminação. Existe uma verdadeira ‘ditadura de gênero’ na qual os que se desviam da norma, do socialmente aceito, são mal vistos.

Esses comportamentos associados ao masculino e ao feminino acabam por ser entendidos como algo ‘natural’ para homens ou mulheres. Porém, essa ‘naturalização’ dos papéis sexuais não é um dado ‘natural’. Para El-Hani (1995 p.96) “a grande maioria das características humanas, em especial aquelas de caráter comportamental, são decorrentes de uma interação entre as estruturas biológicas e o ambiente físico e sociocultural” (EL-HANI, 1995 p.20).

Para Louro (2001 p.11)

A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.

Existe todo um aparato para conformar os indivíduos a um modo masculino ou feminino de vivenciar a sexualidade. Nosso grupo social (família, escola, amigos, religião, leis mídia, médicos) emprega recursos múltiplos e repetitivos para “garantir a coerência e a permanência da norma”. (LOURO, 2008 p. 82)

Para aqueles que resistem a todas as formas de controle e coerção e se atrevem a transgredir as normas de gênero, resta apenas conviver com a dor, a humilhação e a discriminação. Não apresentar comportamento em conformidade com o sexo biológico, é percebido como uma das atitudes mais passíveis de exprobração, dentre aquelas desviantes da norma. Todos os que não se encaixam nos modelos de comportamento esperados para seu sexo biológico, ou seja menino mais delicado ou menina sem vaidades, são percebidos como ‘desviantes’ do padrão.

Na escola, um ambiente que deveria promover a tolerância e respeito à diversidade, os ‘diversos’ não são vistos com bons olhos. Ela concentra esforços para reproduzir o padrão de sexualidade considerado ‘normal’ nos seus alunos. Aos que não se encaixam nesse padrão, os ‘excêntricos’, são reservadas “as marcas da particularidade, da diversidade e da instabilidade” (LOURO, 2005 p. 44). Essas marcas são apontadas, colocadas em evidência, e os alunos ficam expostos às diversas formas de agressão, pelo simples fato de serem diferentes da norma.

Essas ações intensas sobre a sexualidade dos alunos que ocorrem de forma espontânea no ambiente escolar e fora dele são denominados por Maria José Werebe (1998) de Educação Sexual Informal. Essa Educação Sexual, embora não intencional, nem realizada com planejamento e sistematização, pode ser bem efetiva. Isso porque determinados valores e crenças são repetidos tantas vezes e por atores diferentes que podem ser vistos como verdades inquestionáveis.

A repressão e/ou omissão da escola nos aspectos ligados aos temas relacionados com a sexualidade e os conteúdos das disciplinas (que estão repletos de mensagens, valores e normas ligados à vivência da sexualidade) também são agentes da Educação Sexual Informal. Toda a comunidade escolar, desde professores até os alunos mais novos transmitem valores, crenças e ideias que têm sobre a sexualidade. Isso pode ocorrer de forma consciente ou não, através da maneira de vestir, de agir, e pela forma como tratam (diferenciada ou não) os alunos e alunas.

Outra forma de Educação Sexual Informal pode ser observada no fato citado por Castro, Abramovay e Silva (2004): a tendência dos professores(as) em banalizar as atitudes discriminatórias contra alunos vistos como homossexuais, pois “consideram que as brincadeiras não são manifestações de agressão, naturalizando e banalizando as expressões

de preconceitos” (p.289). Ao agirem permitindo a agressão aos alunos que não se comportam dentro do esperado para o seu sexo biológico, professores estão educando sexualmente. Educando para engessar comportamentos, para o desrespeito, para a intolerância.

Temas ligados à sexualidade nunca foram tranquilos de serem compreendidos ou abordados, mesmo por aqueles que se interessam pelo assunto. Para professores e professoras, isso não é uma exceção. Os cursos de formação de professores, em sua quase totalidade, não abordam esse tema (FURLANI, 2003).

Mas quem são esses professores e professoras que tratam de temas ligados à sexualidade em sala de aula? Castro, Abramovay e Silva (2004) indicam que a sexualidade vem sendo tratada principalmente como “um conteúdo restrito ao campo disciplinar da biologia”. (p. 38) É o professor de Ciências que vai ser considerado o responsável pela discussão do tema, é ele que vai estar de posse do que estas autoras chamam de “saber competente” (p.38).

Considerando que esses professores e professoras estarão na escola com alunos e alunas que podem ser percebidos como homossexuais e, conseqüentemente, sujeitos às práticas homofóbicas, surge o problema central desse artigo, que compõe a dissertação de mestrado de uma das autoras desse trabalho: professores e professoras de Ciências do Município de Aracaju, que participam das ‘Horas de Estudo’<sup>5</sup> acreditam ser possível identificar tendências homossexuais em alunos?

É necessário, portanto, que se realize uma investigação para conhecer se estes professores e professoras acreditam existir padrões de comportamento identificados como masculinos ou femininos.

Assim, essa pesquisa tem como objetivo identificar se professores e professoras de Ciências das escolas municipais de Aracaju/SE que participam do programa “Horas de Estudo” acreditam ser possível identificar tendências homossexuais em alunos.

## **O CAMINHO PERCORRIDO**

Para atender ao objetivo central desse trabalho, utilizamos a metodologia qualitativa. Optamos pelo questionário anônimo como instrumento de coleta de dados pelo

---

<sup>5</sup> Programa de formação continuada oferecido pela Secretaria Municipal de Educação de Aracaju.

fato de trabalharmos com um tema polêmico que possivelmente poderia gerar constrangimentos aos pesquisados no momento da exposição de valores muitas vezes fundamentados em preconceitos, fato esse que poderia ser minimizado pelo anonimato propiciado pelo questionário. Como forma de garantir o anonimato os questionários receberam uma numeração que foi utilizada na análise destes.

Para elaboração do nosso instrumento de coleta, tomamos como base o questionário utilizado por Forastieri (2004) na sua pesquisa sobre as “Concepções de Professores de Biologia do Ensino médio público estadual de Salvador sobre a variedade das orientações sexuais”. Após a análise e adaptação do questionário a nossa realidade, o mesmo foi validado e as sugestões apresentadas foram acatadas. Nesse trabalho analisamos apenas a questão que versa sobre a possibilidade de identificar tendências homossexuais em alunos.

A pesquisa foi realizada com oito professoras e um professor de Ciências do município de Aracaju que trabalham com o 8º ano, e participam do programa “Horas de Estudo” da Secretaria Municipal de Aracaju. Os professores participantes dessa pesquisa são graduados em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Sergipe, estão no exercício da profissão há mais de 10 anos e têm entre 34 e 61 anos.

## **ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Com o intuito de atender ao objetivo da pesquisa, foi proposta a seguinte questão: “Você acredita que é possível identificar tendências homossexuais em alunos? Caso a resposta seja afirmativa, como essa identificação poderia ser feita?”

Dos nove professores pesquisados, apenas três assinalaram não ser possível fazer a identificação de tendências homossexuais em alunos. Um professor assinalou as duas alternativas (Sim e Não), sem explicitar o que queria dizer com essa dupla marcação. Esse professor provavelmente compreende que a idéia de que os indícios que se acredita serem característicos de homossexuais não se configuram obrigatoriamente verdadeiros, no entanto ainda se vale desse estereótipo para ‘visualizar’ o homossexual. Para cinco respondentes essa identificação pode ser feita. Todos esses cinco professores assinalaram não terem recebido, durante a formação inicial, informações sobre o tema homossexualidade.

Entre os cinco professores que assinalaram ser possível realizar tal identificação, um não explicitou como poderia ser feita e quatro responderam que poderiam identificar tendências homossexuais da seguinte forma:

**“Através de preferências, atitudes, pontos de vista.” (P.1)**

Embora o Professor 1 não tenha deixado explícito o que entende por “preferências” podemos inferir que está se referindo a preferência de cores, brincadeiras/jogos (no caso do menino, não gostar de determinados esportes, como no caso de Sullivan) e/ou profissões. Essas ‘preferências’ de alunos homossexuais difeririam das apresentadas por alunos heterossexuais. Os comportamentos esperados para um grupo seriam diferentes dos esperados para outro.

Alguns desses atributos tidos como característicos dos homossexuais são relatados por Costa (1992) no livro “A inocência e o vício”: “gosto por atividades lúdicas e profissionais tidas como femininas” ; “passividade de atitudes e ausência de agressividade” e “efeminamento e modos de falar” (COSTA, 1992 p. 153). Esse autor ressalta que tais atributos considerados indicativos de um indivíduo homossexual tem sua origem “a partir de um sentimento vago e difuso de desvio ou diferença em relação ao que se julga ser a identidade homossexual” (COSTA, 1992 p. 153).

Outro Professor indica que poderia identificar alunos homossexuais através de:

**“Modo de falar, andar, trajar” (P.4).**

Professores pesquisados por Anderson Ferrari (2000) indicaram conseguir identificar alunos homossexuais (masculinos) por determinados atributos. A fala mais macia e gestos tranquilos são alguns destes atributos reconhecidos como pertencentes a gays. No caso das meninas, a fala grossa é um dos atributos para identificar lésbicas, como assinala Fischer (2008), porém, como esse autor ressalta, pessoas com estes atributos podem não ser homossexuais, e ao serem percebidas como tal, “sofrem discriminações por todos os lados” (FISCHER, 2008 p.27).

A forma de se vestir “muito bem arrumado” (FERRARI, 2000 p. 111) é percebida como um indicativo para meninos gays, do mesmo modo que não se preocupar com o que

veste (FISCHER, 2008), seria indicativo que a menina é lésbica. Tal identificação é baseada em estereótipos de gênero. De acordo com estes estereótipos, mulheres tenderiam a ser mais organizadas e homens mais desligados. O cuidado com a aparência é percebido com um comportamento feminino, tanto que é um dos atributos não observados em “Tia Lú” (FERRARI, 2003). Apresentar o “corpo sem nenhuma vaidade” (FERRARI, 2003 p.121) seria motivo de “Tia Lú” perder ‘status’ de mulher. A vaidade, o cuidado com o corpo, eram vistos como atributos femininos, não apresentá-los seria motivo de não ser identificada como mulher.

Esses professores procuram identificar alunos homossexuais valendo-se de padrões baseados no que é culturalmente aceito como pertencente a um ou outro sexo. A homossexualidade é confundida com formas de agir, que são reconhecidas como pertencentes a um ou outro sexo por convenção social. Como assinala Luiz Mott no livro “Crônicas de um gay assumido” (MOTT, 2003), não existe um modelo único de gay, existem os efeminados e os que não apresentam trejeitos femininos. Esse mesmo autor, em um artigo (MOTT [sd]) reforça que gestos efeminados não necessariamente indicam um gay, existem homens não efeminados que são gays assumidos. Como assinala Fischer (2008 p. 16)

Não existe um padrão de comportamento para negros, para fumantes ou para italianos, assim como não existem formas estandardizadas de agir e querer para gays e lésbicas. Conheço tanto homo e bissexuais 'óbvios' como os que “ninguém diria”, da mesma maneira que conheço fúteis e profundos, tarados e quase assexuados. Até gays malvestidos e malufistas existem.

Vale-se assim de padrões baseados no que é culturalmente aceito como pertencente a um ou outro sexo. A homossexualidade é confundida com formas de agir, que são reconhecidas como pertencentes a um ou outro sexo por convenção social. A delicadeza nos gestos, por exemplo, que é considerada atributo feminino, segundo depoimento colhido por Trevisan (1986) é muito comum entre homens da tribo Kraô, do estado de Goiás.

Dois professores mesmo assinalando ser possível fazer a identificação, ressaltaram que nem sempre tais indícios funcionam.

**“Mesmo respondendo 'sim', acredito na dificuldade dessa identificação. Normalmente nos valem os gestos efeminados (meninos) ou masculinizados (meninas), mas nem sempre essa regra é válida.” (P.7)**

Essas respostas assinalam que estes professores valem-se da imagem estereotipada do homossexual, como sendo aquele que é efeminado, conforme indica Costa (1996). Identificar um aluno como homossexual, por qualquer característica que se acredite ser alusivo a tal orientação sexual, é uma forma de reforçar o estereótipo e aponta a existência de um padrão de comportamento masculino que difere daquele que seria um feminino. Confunde-se orientação sexual - que está relacionado ao desejo - com papéis sexuais, que são estabelecidos por convenção social.

Os PCN ressaltam a associação entre certos comportamentos e a orientação sexual, quando dizem que:

Muitas vezes se atribui conotação homossexual a um comportamento ou atitude que é expressão menos convencional de uma forma de ser homem ou mulher. Ela escapa aos estereótipos de gênero, tal como um menino mais delicado ou sensível ser chamado de 'bicha' ou uma menina mais agressiva ser vista como lésbica, atitudes essas discriminatórias. (BRASIL, 1998 p.325)

Essa relação que é feita entre a atipicidade de gênero (a apresentação de certos comportamentos que são vistos como característicos do outro gênero) com a orientação do desejo não reflete a realidade, pois como adverte Picazio (1998) não existe correlação entre os papéis sexuais e a orientação sexual.

As demarcações entre as fronteiras do que são 'coisas de meninos' e 'coisas de meninas' são bem delimitadas. Aqueles que procuram ultrapassar essa fronteira, que acreditam ser possível ser homem de outra forma, rompendo com aquilo que Pollack (1999) chamou de “camisa de força sexual” (p.433) se permitindo serem “ao mesmo tempo duros e gentis, vulneráveis e corajosos, dependentes e independentes.” (p.439) sofrem recriminações de toda a sorte, independente de sua orientação sexual.

Um educador que reforce essa forma estereotipada de pensar a homossexualidade está validando o modelo único de ser homem ou mulher. Está educando seu aluno para uma sexualidade modelo, para um padrão. Esquece esse educador que a sexualidade pode ser vivenciada de formas diversas, não existindo um único meio de vivenciar a mesma, seja entre homossexuais, heterossexuais ou bissexuais.

O aluno heterossexual que não se encaixe no comportamento padrão admitido para seu sexo biológico, também vai se sentir, de forma similar aos homossexuais, um 'desviante'. Ao romper com a norma de gênero, transitando entre o comportamento aceito tanto para masculino quanto para feminino, ele questiona a fixidez atribuída aos papéis sexuais. Dessa forma, não é apenas a homossexualidade que vai ser 'mal vista'. Aquele ou aquela que não apresentar determinados comportamentos considerados típicos para seu sexo é igualmente discriminado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como professores e professoras de Ciências lidam com a sexualidade servirá de referência para seus alunos. Eles ao tratarem de sexualidade nas suas aulas estão realizando, mesmo que de forma não intencional, uma educação sexual.

Neste trabalho, evidenciamos que a maior parte do grupo pesquisado (seis dos nove professores) acredita ser possível identificar tendências homossexuais em alunos. Este fato aponta que para esses educadores (as) existem comportamentos próprios 'para menino' e 'para menina'. Aqueles alunos que apresentam outra forma de se comportar vão ser identificados como homossexuais. Tal atitude reforça a discriminação e contribui para a manutenção do modelo comportamental vigente, no qual para ser reconhecido como homem de verdade o menino não pode apresentar características atribuídas ao feminino, e a menina para ser vista como uma mulher não pode demonstrar atitudes consideradas viris, pois corre o risco de ser identificada como mulher-macho.

É imprescindível desconstruir essa relação fixa existente entre sexo biológico e papéis sexuais para que os alunos possam vivenciar plenamente as expressões da sexualidade. Dessa forma, a educação sexual realizada mesmo de maneira informal, possibilitaria que meninos e meninas se sentissem livres para expressar seus sentimentos e formas de agir livremente, sem que corressem o risco de serem mal vistos ou mesmo agredidos. Precisamos desengessar os comportamentos, assumindo que não existe uma única forma de ser homem ou mulher, mas várias, e todas elas válidas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACTIONAID. **Crimes motivados pelo preconceito** : o aumento de ocorrências de estupro “corretivo” na África do Sul. 2009. Disponível em < [http://www.actionaid.org.br/Portals/0/Docs/estuproCorretivo\\_2009.pdf](http://www.actionaid.org.br/Portals/0/Docs/estuproCorretivo_2009.pdf)> acesso em: 12 jan 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARDOSO, M. **Elas venceram**. Revista Veja, São Paulo, n.1645, p.20-2, 2000. Disponível em < [http://veja.abril.com.br/190400/p\\_072.html](http://veja.abril.com.br/190400/p_072.html)> acesso em: 17 jan 2011.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO. Brasil, 2004. 426p.

COSTA, Jurandir Freire. O referente da identidade sexual. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (orgs). **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.p. 63-89.

\_\_\_\_\_. **A Inocência e o vício**: estudos sobre homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

COSTA, Ronaldo Pamplona da. **Os 11 sexos**: as múltiplas faces da sexualidade humana. São Paulo: Gente, 1994.

EL-HANI, Charbel Niño. **O Insustentável Peso dos Genes**: a persistência do determinismo genético na mídia e na literatura científica. Salvador. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, 1995.

FERRARI, Anderson. **O professor frente ao homoerotismo masculino no contexto escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2000.

\_\_\_\_\_. Mãe! E a tia Lu, é menino ou menina?. In: **Niterói**, v.4,n.1, 2003a. p. 115-132.

FISCHER, André. Como o mundo virou gay? Crônicas sobre a nova ordem sexual. São Paulo: Ediouro, 2008.

FORASTIERI, Valter. **Concepções de Professores de Biologia do Ensino médio sobre a variedade de Orientações sexuais** (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal da Bahia. Mestrado em Ensino de Ciências, 2004.

FURLANI, Jimena. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana**: subsídios ao trabalho em educação sexual. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades. São Paulo: UNESP, 1993.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil**: entre sombras e visibilidades. Revista brasileira de Educação Física e Esporte. São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Tradução Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, Guacira Lopes . Pedagogias da Sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-34.

\_\_\_\_\_. Currículo, gênero e sexualidade: O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: V; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, Gênero e Sexualidade**: Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 41-52.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MOTT, Luiz. Os gays e os homens delicados. [sd] Disponível em: <<http://br.geocities.com/luizmottbr/cronica2.html>>. Acesso em: 19 jul. 2008.

\_\_\_\_\_. **Crônicas de um Gay assumido**. Rio de Janeiro: Record, 2003.  
PEREIRA, Neuza das Dores. Entrevista. Agência IBASE. 2008 Disponível em <<http://www.ibase.br/modules.php?name=Conteudo&pid=2256>> acesso em: 12 jan 2011.

PICAZIO, Cláudio. **Sexo Secreto**: temas polêmicos da sexualidade. São Paulo: Summus, 1998.

RAMIRES NETO, Luis. **Habitus de Gênero e experiência escolar**: jovens gays no Ensino Médio em São Paulo. Dissertação. Mestrado. USP, Faculdade de Educação: São Paulo, 2006.

SULLIVAN, Andrew. **Praticamente normal**: uma discussão sobre o homossexualismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**. São Paulo: Max Limonad, 1986.

VILLELA, Wilza V.; ARILHA, Margareth. Sexualidade, gênero e direitos sexuais e reprodutivos. In: BERQUÓ, Elza (org.) **Sexo & vida**: panorama da saúde reprodutiva no Brasil. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 95-150.